

Médicos enfrentam drama por falta de vagas

Secretaria municipal de Saúde tenta unificar atendimento para diminuir filas de espera de pacientes no Rio

Edgar Arruda

• O aposentado Amadeo Nogueira Júnior, de 79 anos, está desde quarta-feira internado no CTI do Hospital Getúlio Vargas, na Penha. Antes de conseguir a vaga, porém, ele teve que ficar cinco dias num leito da emergência do Hospital Paulino Werneck, na Ilha do Governador. Sofrimento para o doente, desespero para a família, que precisou percorrer uma via-crucis rotineira em busca de uma vaga num CTI.

— O que a família sofre é impressionante. Ficamos vendo um familiar morrendo sem poder fazer nada. Tentamos em cinco hospitais, e nenhum tinha vaga. Foi uma sorte conseguir essa — conta Lêda Nogueira Hassum, sobrinha de Amadeo, que passou madrugadas na porta do Paulino Werneck, parando médicos e pedindo ajuda para o tio.

Médicos convivem todos os dias com carência

Casos como o de Amadeo se repetem diariamente na rede pública do Rio. Pacientes e médicos são obrigados a conviver com um mal que parece incurável: a falta crônica de leitos nos Centros de Tratamento Intensivo (CTIs) nos hospitais. A carência de vagas aumenta o risco de vida dos doentes e faz com que os médicos tenham que enfrentar o drama de escolher o paciente que será tratado:

— Qualquer médico de CTI já passou por essa situação. O médico aprende que todos os pacientes têm direito a tratamento. Não posso dizer que se faça essa opção com a consciência tranqüila — diz o pre-

sidente da Sociedade de Terapia Intensiva do Rio (Sotierj), Afonso José Celente Soares.

Num último levantamento entre as unidades do estado, município e dos hospitais federais, havia no Rio 238 leitos de CTI disponíveis. Mas, nem esses números são precisos, já que cada hospital pode abrir ou fechar leitos de acordo com a oferta de equipamentos e de pessoal especializado.

Para chegar a dados precisos em relação aos leitos de CTI existentes na cidade, o Cremerj (Conselho Regional de Medicina) está realizando um cadastramento com o qual espera poder desenhar o mapa dos CTIs. Para Afonso José Soares, a abertura de novos leitos é uma necessidade ur-

gente e, sem isso, o drama de se escolher entre pacientes que vão ou não para o CTI vai continuar.

— Isso pode ser demorado, mas precisa ser um objetivo. Não é impossível. É um direito da população.

Enquanto isso não acontece, o médico radicaliza e diz que os familiares de doentes que precisam de uma internação em CTI devem pressionar os diretores dos hospitais.

— Em muitos casos, eles podem tentar encontrar uma solução, seja com uma transferência, seja com a abertura de um leito emergencialmente.

Para alguns médicos, no entanto, a abertura de novos leitos de CTI não significa a solução do problema. O coorde-

nador da Câmara Técnica de Terapia Intensiva do Cremerj, Pablo Vazquez, diz que seria preciso uma mudança no sistema de Saúde, com ênfase no atendimento e tratamento inicial dos pacientes.

— Se o sistema não consegue atender bem a população, doenças crônicas se tornam agudas e o número de internações — também em CTIs — aumenta.

O médico intensivista Fernando Bosa, do Hospital Clementino Fraga, da UFRJ, também convive com a superlotação e a falta de leitos.

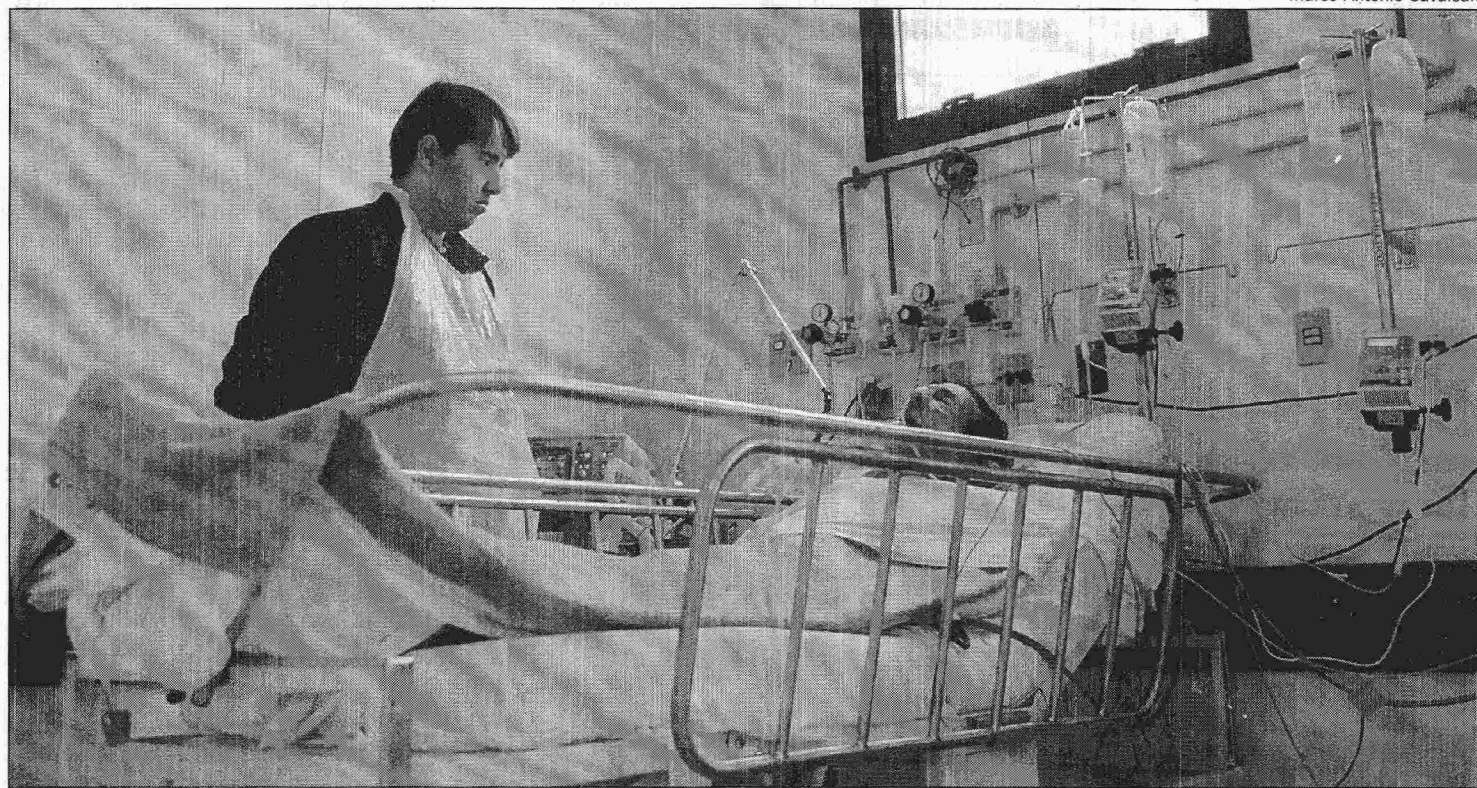
— Isso é constante e ocorre por vários problemas. O mais grave é que o paciente que passa pelo funil e chega na terapia intensiva, já chega com

seu estado agravado.

Tentando minorar a crônica falta de leitos, a Secretaria municipal de Saúde está criando um sistema integrado de gerenciamento de vagas nos hospitais, englobando tanto as unidades do município, quanto as estaduais e federais. A idéia é que, não apenas em relação aos leitos de CTI, mas todas as vagas sejam administradas via computador.

— Há muitos anos não há uma integração tão grande entre os gestores do município, estado e União. A curto prazo, essa central vai mostrar a falta de vagas, mas a médio e longo prazo vamos ter um planejamento muito melhor — diz o Superintendente estadual de Saúde, Ricardo Peret. ■

Marco Antônio Cavalcanti



O APOSENTADO AMADEO Nogueira Júnior só conseguiu uma vaga no CTI depois de esperar por cinco dias e de muito empenho da família